
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil



V.13. N. 26. Mai./Ago./ 2019 p. 261-278

ISSN: 2237-0315

A emoção do medo: olhares clássicos para compreender desafios no presente

The emotion of fear: classic looks to understand challenges in the present

Elisa Pereira Gonsalves
Fabricio Possebon
Universidade Federal da Paraíba- UFPB
João Pessoa-Paraíba, Brasil

Resumo

O presente artigo integra as reflexões teóricas da pesquisa “Emoções na Escola”, que teve como objetivo central identificar os elementos desencadeadores de diferentes emoções e seus impactos, em termos educativos, na percepção dos adolescentes. Este trabalho é um recorte daquela pesquisa e se propõe investigar o conceito de medo e sua importância social. Para esta reflexão, observamos inicialmente os autores clássicos, como Aristóteles e Cícero, confrontando-os com a moderna interpretação da matéria. Os resultados da pesquisa indicam que a experiência do medo vinculado à obediência (medo derivado) predomina sobre o medo inato.

Palavras-chave: educação emocional. Medo. Paixão.

Abstract

The present article integrates the theoretical reflections of the research “Emotions in the School”, whose main objective was to identify the triggering elements of different emotions and their impacts, in educational terms, on adolescents' perceptions. This work is a cut of that research and it is proposed to investigate the concept of fear and its social importance. For this reflection, we first observe the classical authors, such as Aristotle and Cicero, confronting them with the modern interpretation of matter. The results of the research indicate that the experience of fear linked to obedience (derived fear) predominates over innate fear.

Keywords: emotional education. Fear. Passion.

Introdução

A emoção do medo não é exclusiva de um grupo social, tampouco pode ser atribuída unicamente a uma determinada faixa etária, como se fosse uma reação própria de criança ou de pessoas com algum transtorno. Sentir medo é uma condição universal dos indivíduos, que atravessa grupos sociais, faixas etárias, gêneros, etnias, em diversos contextos socioculturais. Basta estar vivo para sentir medo.

Este artigo integra as reflexões do projeto de investigação intitulado “As Emoções na Escola”, realizado nos anos de 2015 e 2016, tendo como foco o estudo das emoções de crianças e adolescentes que cursam o Ensino Fundamental da Educação Básica na rede pública de ensino. O objetivo maior do projeto é analisar os elementos desencadeadores de diferentes emoções, estabelecendo as correlações existentes entre elas e verificando as possíveis repercussões em termos educativos. Na investigação realizada, optou-se pelo enfoque qualitativo pela possibilidade metodológica de interpretar os significados que os sujeitos fazem do mundo que os rodeia. A investigação qualitativa, fixada na produção de significados próprios das interações humanas a partir de diferentes pontos de vista (STAKE, 2011), permitiu estabelecer relações entre os dados brutos e conceitos, dentro de um marco teórico explicativo.

Os sujeitos da pesquisa foram buscados entre os alunos matriculados no Ensino Fundamental II da Educação Básica, que frequentam do 6º ao 9º ano da escola pública da rede municipal de ensino, perfazendo um total de 526 respondentes em duas escolas municipais da periferia da cidade de João Pessoa. Na primeira fase da pesquisa, denominada exploratória, foi aplicado um questionário aberto com perguntas sobre quais as situações que faziam com que o respondente sentisse uma determinada emoção (medo, raiva, alegria, dentre outras), solicitando uma descrição do evento. Foram cumpridas todas as formalidades e ações necessárias e exigidas para uma investigação rigorosa e ética, incluindo a confidencialidade e o consentimento da escola e das famílias, bem como a aprovação do estudo e de aplicação do questionário pelo Comitê de Ética.

Na segunda fase da pesquisa, denominada organizativa, procedeu-se ao desenvolvimento de categorias de informação, buscando identificar as correlações internas existentes nas respostas de cada adolescente como também os agrupamentos dos conteúdos específicos. Tal procedimento permitiu selecionar categorias principais

considerando a recorrência do fenômeno. A terceira e última fase da investigação, dedicada à codificação e análise, permitiu, conforme recomenda Creswell (2014), examinar a base de dados coletados considerando o fenômeno estudado, estabelecendo relações e explicações com a literatura estudada e verificando a existência ou não de elementos inovadores.

Este artigo revela o esforço teórico de compreender o medo a partir das reflexões da tradição, assim como seu entendimento em suas heranças socioculturais, em busca de descobertas sobre o que sedimenta, nutre e organiza a emoção do medo. Como um subproduto da investigação “As Emoções na Escola”, apresentamos uma revisão de literatura que parte da contribuição de Aristóteles, colocando em tela aspectos neurofisiológicos da emoção do medo, assim como seus aspectos históricos e socioculturais.

A concepção de *phóbos* em Aristóteles

Nossa escolha para refletir sobre o conceito de medo, na voz da tradição, recaiu sobre Aristóteles (384-322 a. C.), mais especificamente o que ele diz em duas de suas obras importantes: *Ética a Nicômaco* e *Retórica* (também traduzida como *Arte Retórica*). As passagens destas obras, no que diz respeito ao medo, não são muitas, todavia são densas. Optamos por trabalhar com os originais gregos, oferecendo nossa própria tradução e comentando os termos mais complexos e desafiadoresⁱ. Os originais, sempre citados em notas de rodapé, foram consultados na base de dados PERSEUS.

Abordaremos primeiro o tema do medo em Aristóteles na *Ética a Nicômaco* e, em seguida, na *Retórica*. Na *Ética* (1105 b), o medoⁱⁱ é apresentado como uma **paixão**ⁱⁱⁱ, em um catálogo com onze elementos^{iv}. As paixões apresentadas são: 1.apetite (ou desejo ou aspiração)^v, 2.ira (ou cólera), 3.medo (ou temor), 4.coragem (ou audácia ou confiança ou resolução), 5.inveja (ou ciúme ou má-vontade), 6.alegria (ou prazer),7.amizade (ou amor), 8.ódio, 9.desejo, 10.rivalidade (ou ciúme ou inveja ou zelo ou fervor),11.piedade (ou misericórdia ou compaixão).

Na alma^{vi} as paixões estão presentes juntamente com as **faculdades** (potências, poderes ou capacidades)^{vii} e com as **atitudes** (ou hábitos mentais)^{viii}. Assim como a visão e a audição são faculdades e não são efetivamente as coisas

vistas ou ouvidas, igualmente pode-se pensar que exista uma faculdade do “medo”, diferente esta da paixão “medo”; em outros termos, a alma possui a capacidade de sentir a paixão “medo”, e é por isso que a sente, em determinadas circunstâncias. Esta capacidade parece ser da espécie, em termos gregos diríamos “por natureza”.

Por atitudes podemos entender a disposição de cada homem, se boa ou má. Segundo Aristóteles (1104 a), é da natureza das paixões elas serem destruídas por excesso ou falta. No que toca ao medo, o homem que o tem em excesso a tudo foge, sendo um covarde; por outro lado, a falta de medo produz um homem temerário, que nada teme e corre inúmeros perigos. Em ambos os casos, o do covarde e o do temerário, o hábito mental ou atitude é “má”. A “boa” atitude seria a posição intermediária, quando o medo se manifesta no homem, em situações tais que esta paixão o favorece, protegendo-o de algum perigo, por exemplo. Uma paixão como a inveja não comportaria o excesso ou falta, pois estaria, pela própria definição do termo, já completa em si mesma (1107 a). A atitude ou hábito mental depende da formação do indivíduo, desde a sua infância, segundo Aristóteles. Diríamos então que ela é cultural.

Diz Aristóteles (1106 a) que “encolerizamos e nos assustamos involuntariamente”^{ix}, e que há movimento nas paixões, ou seja, “a respeito das paixões, dizemos movimentarem-se (ou dizemos que elas se movimentam / que elas são movimentadas”^x, opondo-se, por exemplo, às virtudes sobre as quais dizemos “disporem-se”^{xi}. Entendendo estes verbos gregos empregados no original como pertencentes à voz média, podemos interpretar que a “paixão” se movimenta em interesse próprio, ou ainda, que ela se move por si mesma, o que corrobora o termo “involuntariamente” da sentença anterior. Outra interpretação possível é a voz passiva: a “paixão” é movida (por alguma coisa, interna ou externa). Não diferem essencialmente os sentidos acima refletidos, todavia são nuances que o original nos oferece para a compreensão.

Cumprido notar que as paixões podem ser acompanhadas por prazer ou dor (1105b)^{xii}. Há mais de uma interpretação possível para esta passagem, centrada no entendimento do termo *hólos*: 1. “... e em geral prazer ou dor segue a elas (as paixões), ou seja, normalmente isto acontece, não necessariamente; 2. ...e no todo

prazer ou dor segue a elas”, ou seja, a lista das onze é necessariamente seguida por prazer ou dor, implicando aqui um princípio de classificação em dois grupos distintos. Esta é a tradução corrente, amparada por outras passagem de Aristóteles. Assim, é fácil entender, por exemplo, a paixão “alegria” como seguida por prazer. Nem todas as paixões evidentemente terão um entendimento assim imediato. Esta passagem de Aristóteles e outras semelhantes parecem sustentar posições teóricas modernas que classificam as emoções como positivas ou negativas, ou que aquilo que delas decorre pode ser positivo ou negativo.

A partir do texto da *Ética a Nicômaco*, sintetizamos nossa compreensão sobre a paixão *phóbos*: sentimos o medo porque temos, em princípio, a faculdade de sentir as paixões. Esta faculdade parece inata ao homem, é a sua natureza.

Nossa atitude frente a ele, em cada circunstância, depende de nossa formação, desde a infância, podendo ser boa ou má, ou seja, o medo é favorável ou não em cada situação que nos deparamos. A atitude liga-se a história de vida do indivíduo, é portanto cultural.

O medo é involuntário, afirma Aristóteles. Significa que o indivíduo não pode controlá-lo? Entendemos assim: o indivíduo pode ter um hábito mental ou atitude, *hékseis*, que o dispõe a sentir determinado medo, por exemplo, aprendeu que certo animal pode causar-lhe a morte. Quando a situação chega (externamente, por exemplo, o tal animal nocivo que se apresenta; ou internamente, por exemplo, a lembrança do mesmo animal), neste momento, o indivíduo está refém do medo, sua vontade parece nula e não consegue refletir sobre a situação. Ele foge ou fica paralisado.

Por outro lado, se ele conscientemente deseja se livrar do desconforto deste tipo de situação de medo potencial e, se consegue trabalhar isto terapeuticamente de algum modo, então o que muda nele é seu hábito mental ou atitude, *hékseis*. Quando a situação chegar novamente (a vista do animal nocivo ou sua recordação), vai encontrá-lo diferente. É neste sentido que estamos entendendo a ideia de controlar o medo, tornando-o voluntário.

Concluindo nossa apreciação da *Ética a Nicômaco*, não parece fazer sentido entender o medo seguido por prazer ou dor, como diz Aristóteles a respeito das paixões em geral.

Na *Retórica*, Aristóteles (1378 a) propõe uma definição para paixão, ainda que breve: “as paixões são coisas que, por meio delas, [os homens] mudando de direção sustentam as decisões; a elas seguem dor e prazer; como ira, piedade, medo e outras tais, e as suas contrárias”^{xiii}. Paixão é como temos traduzido até aqui o termo grego *páthos*. Vejamos algumas reflexões sobre o significado do vocábulo. Segundo Pierre Chantraine, sobre o substantivo e seu correspondente verbo:

Páthos: aquilo que chega a alguém ou a algo, experiência sofrida, aflição, emoção da alma, acidente no sentido filosófico do termo.

Páskho: receber uma impressão ou uma sensação, sofrer um tratamento (bom ou mal), suportar, ser punido^{xiv}. (1968, p. 861 e 862).

O termo *páthos* ou seu sinônimo *páthe*, que em português encontramos por exemplo em “patologia”, estudo das doenças, é bem explicado pelo intérprete da cultura grega, Cícero^{xv}, nas *Tusculanas*, III, 4, 7^{xvi}:

Talvez também as demais perturbações do ânimo: medo, libido, ira? Estas pois quase que são as que os Gregos chamam, no modo deles, *páthe*; eu poderia chamá-las de “doenças”, e isto seria (tradução) palavra por palavra, mas não caberia em nosso uso, pois apiedar-se, invejar, exaltar-se, alegrar-se, todas estas os Gregos chamam de doenças, movimentos do ânimo excitado, não obedientes à razão, nós, por outro lado, a estes mesmos movimentos chamaremos corretamente de perturbações, como opino; doenças (é termo) de não muito uso (nosso), a menos que a ti pareça de outro modo.

Assim, no entendimento de Cícero, o que melhor corresponde ao grego *páthos* é *perturbatio* (perturbação), isto é, *motus animi* (movimento do ânimo)^{xvii}, e não *morbis* (doença). Outro termo que traduz o grego *páthos* é *affectus* (afeto, o que aflige, abala, comove; não simplesmente afeição, simpatia). O esperado *passio* (paixão, doença) “foi empregado somente no latim eclesiástico”, como nos informa Ernout-Meillet (2001, p. 488).

Em síntese, para traduzir a ideia grega de *páthos*, via interpretação latina, os termos em uso são notadamente: “paixão”, “afeto”, “perturbação” e “comoção”. Os dois primeiros, no português moderno, evocam de imediato outros nuances e de certo modo obscurecem a ideia original. O terceiro termo citado é genérico, restando o quarto termo como o mais preciso. “Comoção”, todavia, perde força, no uso contemporâneo,

sendo substituído por “emoção”^{xviii}. Não era este o entendimento há cerca de cem anos, como observamos na definição de Figueiredo (1913, p. 705): “Emoção: acto de deslocar, motim, desordem. No sentido de commoção ou abalo moral, o termo é considerado gallicismo dispensável (do latim *emotus*)”.

Concluindo a discussão do termo, entendemos que “emoção” é a melhor opção para traduzir *páthos*. Retomando então Aristóteles, na *Retórica*, as emoções (termo que passaremos a usar no lugar de “paixões”) são aquelas coisas que sustentam as decisões, tendo o homem mudado a direção (ou melhor, mudado de opinião). Podemos entender assim: apresenta-se uma situação e um indivíduo toma uma decisão; se ele está alegre, decide A; se está triste, decide B; se está irado, decide C, e assim vai. Como vemos neste exemplo hipotético, a emoção subjaz à sua decisão. Se supostamente ele não estivesse sob nenhuma emoção, então decidiria pela sua razão unicamente. É possível tal interpretação, embora possamos duvidar do estado neutro de emoções. De fato propomos algo mais complexo: apresenta-se uma situação, já nisto uma emoção se move junto com sua razão, podendo mesmo existir outra emoção anterior, subjacente. Sua decisão seria sempre então, obrigatoriamente, pautada por emoções, em complexas interrelações.

As emoções analisadas na *Retórica* são: 1. ira^{xix} e sua contrária 2. tranquilidade (ou doçura ou gentileza); 3. amizade (ou amor) e sua contrária 4. inimizade (ou ódio); 5. medo (ou temor) e sua contrária 6. coragem (ou audácia ou confiança ou resolução); 7. pudor e sua contrária 8. despudor; 9. benevolência (ou graça) e sua contrária 10. ingratidão (ou falta de graça); 11. piedade (ou misericórdia ou compaixão) e sua contrária 12. indignação (ou ressentimento ou desdém); 13. inveja (ou ciúme ou má-vontade); 14. rivalidade (ou ciúme ou inveja ou zelo ou fervor ou emulação).

Sobre o medo, Aristóteles propõe a seguinte definição (1382 a): “seja pois o medo alguma dor ou perturbação, a partir da imaginação de um mal vindouro, destrutivo ou doloroso”^{xx}. O “vindouro” é melhor explicado como sendo “iminente”. Normalmente, não tememos a morte porque, apesar de certa, não sabemos quando virá, muito menos temos a expectativa de que será em breve. O mal é apresentado por Aristóteles como proveniente ou de ações e participações de determinadas pessoas ou de determinada forma e em determinado tempo.

Importante observação sobre o medo está na seguinte sentença: “mas é preciso existir alguma esperança de salvação, para que lutem contra ele”^{xxi} e também nesta: “são temíveis as coisas que nos outros são ou serão coisas miseráveis”^{xxii}, ou seja, se vemos alguma desgraça se abater sobre alguém, e se isto nos leva à compaixão pelo outro, é de se esperar que tenhamos medo desta mesma desgraça.

Sintetizamos a nossa compreensão sobre o medo, a partir da *Retórica*: decisões e julgamentos são balizados pelas emoções, portanto a elaboração lógica não é o único elemento em jogo. O indivíduo sente a emoção “medo”, na forma de uma dor ou perturbação, quando crê que um mal o atingirá de imediato, podendo prejudicá-lo ou destruí-lo, mas sente também que é possível encontrar uma saída.

A expressão bruta do medo: diálogos com a empiria

Na literatura especializada moderna, o medo é uma resposta primária e imediata do organismo quando se percebe diante de um perigo, quer seja um perigo real ou imaginário. Ele é ativado mediante a percepção da presença de uma ameaça, isto é, ele aparece quando a pessoa interpreta que algum dano ao seu bem estar físico e/ou psíquico está por vir (BISQUERRA, 2000). Podemos afirmar que a emoção do medo integra um sistema de condutas de emergências que proporcionam uma ativação imediata para proteger a vida (NAVAS; BOZAL, 2012) e é conhecido por todos os animais.

Sentir medo quando se está diante de uma ameaça é extremamente saudável tendo em vista que, diante de um perigo, faz-se necessário que o indivíduo busque a sua sobrevivência. Neste sentido, o medo é uma reação adaptativa, servindo a um propósito legítimo e útil: proteger os indivíduos de situações potencialmente perigosas, liberando um fluxo de energia extra que se faça necessária ao buscar estratégias para enfrentar o perigo. Enquanto uma resposta funcional que tem como objetivo maior proteger a pessoa (BISQUERRA, 2000), é provável que o medo seja a emoção básica mais primitiva do nosso repertório de condutas, pela razão de exigir uma resposta imediata em defesa da sua própria sobrevivência.

O medo pode ser definido inicialmente, de acordo com Delumeau (2007, p. 39), como:

Uma emoção-choque, frequentemente precedida de surpresa, provocada pela consciência de um perigo iminente ou presente. Alerta, o organismo reage por comportamentos somáticos e alterações endócrinas que podem ser muito

contrastantes dependendo das pessoas e das circunstâncias: aceleração ou diminuição do ritmo cardíaco, respiração muito rápida ou muito lenta, contração ou dilatação dos vasos sanguíneos, aumento ou diminuição da secreção das glândulas, paralisação ou exteriorização violenta e, no limite, inibição ou, ao contrário, movimentos desconexos e atabalhoados.

Considerando que o medo é uma resposta do organismo a uma estimulação aversiva, física ou mental, cuja função é preparar o sujeito para uma possível luta ou fuga, o medo é uma sensação em consequência da liberação de hormônios como a adrenalina. Em termos gerais, uma pessoa com medo pode sentir palpitação (sentir o coração batendo forte ou taquicardia). Sente que seu coração vai pular para fora; sudorese (suor intenso, no corpo e nas mãos); falta de ar (sensação de sufocamento); sensação de estranheza (não se reconhece como sendo ela própria); náuseas e constante desconforto abdominal e/ou intestinal; irritabilidade constante; formigamento nas mãos e nos pés (GONSALVES; SOUZA, 2015).

O ser vivo está biologicamente preparado para aprender alguns medos mais depressa que outros. Estímulos que põem em risco a vida - cobra, aranha, precipício, por exemplo - são adquiridos com mais facilidade que outros - como carro, elevador, eletricidade. De acordo com Navas e Bozal (2012, p.121-122)

el miedo es una señal que interpretamos de un estímulo o situación con potencial suficiente para producirnos algún tipo de daño, perjuicio o desequilibrio, tanto en el plano físico como en el plano psicológico. Esta señal estimula a nuestra mente y cuerpo a poner en marcha las conductas y actividades (la huida, la lucha, la evitación o la resistencia) que estimamos oportunas para superar esa situación. No obstante, también puede producirse una respuesta de bloqueo, probablemente con consecuencia de la incapacidad del individuo para encontrar y/o ejecutar una de las distintas conductas que podría llevar a cabo en ese momento(...) Dependiendo de nuestras creencias y expectativas de como enfrentarnos a los que no da miedo nuestras respuestas o estrategias pueden ser activas (se afronta) o pasivas (se evita o se huye de la situación que nos da miedo). Cuanto más convencidos estemos de nuestras habilidades para regular esta emoción, más probable será que el individuo lo afronte de una manera activa.

O medo é uma emoção que está ligada a um estado em que o organismo se coloca em alerta, diante de algo que acredita ser uma ameaça à própria sobrevivência. Este estado é facilmente reconhecido entre os adolescentes que afirmam “tenho medo de bichos selvagens”, “morro de medo de cobra”, “saio correndo de medo quando vejo

um rato”, “tenho muito medo de barata e aranha”. Compreendido como um estado de alerta, o medo a tais animais sinaliza no sentido de evitar situações de risco.

Diante do perigo, o maior medo é aquele que coloca em risco a preservação do indivíduo – daí ser a morte o medo primordial do ser humano. São fatos os depoimentos de medo da morte: “tenho medo de morrer”, “morro de medo de ficar doente e morrer”, “tenho medo de perder meus pais”, “sinto muito medo quando minha mãe está doente e acho que ela vai morrer”, “tenho um medo danado de perder a minha família e ficar só”. Nas palavras de Wolff (2007, p.22), o medo da morte “é arquetípico, a razão de ser de todos os medos, o medo por excelência, e em outro sentido ele é o único que parece ser vazio de si próprio”, pois se tememos a altura é porque temos medo de cair, se tememos uma doença grave é porque temos medo do sofrimento que ela pode causar. O medo da morte não, ele é em si mesmo, daí ser considerado primordial. Como diz Delumeau (2001, p.41), “o medo é fundamentalmente o medo da morte. Todos os medos contêm, em graus diferentes, essa apreensão fundamental; e, portanto, o medo não desaparecerá da condição humana ao longo de nossa peregrinação terrestre”.

O medo provoca efeitos no organismo que o tornam apto a uma reação de defesa como a luta e a fuga, configurando-se como uma resposta de defesa do sistema nervoso autônomo a situações ameaçantes, quer sejam físicas ou psicológicas. Sendo assim, as situações ameaçantes incluem desde desastres naturais (inundações, tempestades, vendavais, terremotos, etc.) e desastres sociais (epidemias, revoltas, guerras, etc.), até ameaças criadas mentalmente (perturbações psíquicas) podem se configurar como medo real para o indivíduo.

Até aqui refletimos sobre o medo enquanto uma emoção primária, isto é, como uma reação imediata à presença de um perigo que coloque em risco sua vida, no entanto, é possível também registrar a existência de um medo cultural e socialmente produzido, chamado de “medo derivado” (LAGRANGE *apud* BAUMAN, 2008). Este medo é oriundo das percepções de mundo, das expectativas que orientam o comportamento das pessoas, independente da existência de uma ameaça presente, tornando-se um *habitus* (ELIAS, 1996), uma segunda natureza.

A criação do “medo derivado” está associada aos sentimentos de insegurança e vulnerabilidade cotidianos, e, sua existência permitirá a emergência de reações próprias

de quem está diante de um perigo, independente de estar ou não nesta condição. Isto significa que o “medo derivado” não é propriamente uma reação imediata, ele é um *modus operandi*, uma forma de estar e agir no mundo. Os depoimentos dos alunos apontaram para um número significativo de recorrências sobre o medo como um *modus operandi*: “ando rápido na rua perto de casa porque tenho medo da escuridão”, “tenho medo de homens de moto, quando vejo já me afasto por causa da violência”, “tenho medo quando a pessoa quer bater em mim, por isso fico longe de algumas pessoas”, “tenho medo quando um desconhecido chega perto de mim”. Nas palavras de Bauman (2008, p.9)

O “medo derivado” é uma estrutura mental estável que pode ser mais bem descrita como o sentimento de ser suscetível ao perigo; uma sensação de insegurança (o mundo está cheio de perigos que podem se abater sobre nós a qualquer momento com algum ou nenhum aviso) e vulnerabilidade (no caso de o perigo se concretizar, haverá pouca ou nenhuma chance de fugir ou de se defender com sucesso; o pressuposto da vulnerabilidade aos perigos depende mais da falta de confiança nas defesas disponíveis do que do volume ou da natureza das ameaças reais). Uma pessoa que tenha interiorizado uma visão de mundo que inclua a insegurança e a vulnerabilidade recorrerá rotineiramente, mesmo na ausência de ameaça genuína, às reações adequadas a um encontro imediato com o perigo; o “medo derivado” adquire a capacidade da autopropulsão.

O medo torna-se, assim, uma fonte inesgotável de insegurança, colocando o indivíduo a todo instante em situação angustiante, diante de ameaças existentes ou não. Nas palavras de Novaes (2007, p. 13) “o medo é o resultado da sensação permanente da fragilidade do homem (medo da morte) diante de um perigo difuso”. A vivência do medo nem sempre é alarmante, ela pode ser silenciosa, entretanto, isso não significa que ela seja inofensiva, posto que, enquanto *modus operandi*, o medo derivado leva à destruição do que é entendido como perigo, que pode ser, muitas vezes, o outro – aquele que é diferente de si.

Neste sentido, registra-se que o medo possui uma relação direta com um sentimento de “minusvalia”, isto é, as pessoas que se consideram inferiores ou deficientes, desenvolvem um complexo de inferioridade, causando em si um enorme sofrimento pela vulnerabilidade do amor próprio (MIRA Y LOPEZ, 2012). Esta é justamente a entrada para a cristalização de medos derivados, inclusive aqueles relacionados com os processos ideológicos já descritos por Delumeau (2007) e Novaes (2007).

É importante destacar que o medo derivado é revestido de um “conto moral”, ou seja, de um envoltório que lhe dá coerência interna, apresentando-se como uma história lógica, com argumentos aparentemente razoáveis e aceitáveis. Os contos morais da nossa época não falam de uma história redentora, em que a ameaça é afastada, podendo-se viver sem ele; os contos contemporâneos afirmam “medos que disseminam são incuráveis e, na verdade, inextirpáveis: chegaram para ficar – podem ser suspensos ou esquecidos (reprimidos) por algum tempo, mas não exorcizados”, diz Bauman (2008, p.43).

A cristianização do medo: descobertas sobre a internalização do medo

Na mitologia grega, coube a um filho de Zeus ser o detentor da violência imprevisível da guerra: Ares. Apesar de existirem referências de Ares como o deus olímpico da guerra, ele retrata sobretudo o próprio deus da guerra selvagem, aquele que tem sede de sangue.

Ares teve três filhos com Afrodite, a deusa do amor: *Deîmos* (temor), *Phóbos* (medo) e Harmonia. Filhos do mesmo pai, os deuses *Deîmos* e *Phóbos* eram reverenciados em tempos de guerra, recebendo oferendas a fim de que essas forças não tomassem conta do espírito dos guerreiros, ao mesmo tempo em que tinham como objetivo focar a atenção das divindades na direção dos inimigos. A referência a *Deîmos* e a *Phóbos* indicam o medo como uma emoção exterior ao homem, isto é, não inata. Tem-se medo de algo que está fora, que se coloca diante do indivíduo como perigo.

A internalização do medo iniciou-se nos primórdios do cristianismo, cabendo à Igreja Católica inaugurar um marco que duraria até os tempos atuais: a apresentação do medo do demônio e do pecado. A partir desses dois medos originais, inaugurou-se a fase da interiorização do medo. O discurso cristão operou dois deslocamentos: no primeiro, trouxe para o homem o medo que antes pousava apenas nas divindades gregas; e, no segundo, retirou das forças naturais e dos grandes problemas de ordem social o grande medo existencial (como, por exemplo, o medo dos lobos, do mar e das estrelas, das pestes, das privações e das guerras), assentando no demônio e no pecado as suas fontes originárias (DELUMEAU, 1989). Esta faceta do medo é fartamente encontrada nos discursos dos adolescentes, que afirmam ter “medo do castigo de deus”, “medo das maldades do demônio” ou “morro de medo do satanás e dos castigos de deus”, tendo

em vista que eles se sentem sob o “poder de deus”, neste caso, um poder a ser temido, que se configura como julgamento e castigo daquele que vive em pecado.

A partir desse momento o medo é compreendido – e sentido – como uma disposição propriamente humana através da necessidade de ser temente a deus para distanciar-se do pecado do demônio e seus agentes, como única arma eficaz para lutar contra as forças do mal. Este processo de internalização corresponde à instauração de uma ideologia do medo que, ao atingir o senso comum, se consolida no imaginário do indivíduo. A ideologia do medo, incorporada à filosofia das massas, impõe um sutil mecanismo de contenção ou neutraliza possíveis embates, acostando-se às reflexões de Warde (1984, p.84) sobre a necessidade de reforçar mecanismos de ilusão para todas as potenciais forças de pressão social. Assim, enquanto disposição humana, o medo também passa a ser assimilado como a adoção de uma postura vigilante sobre si mesmo para não se tornar um agente do demônio, afirmando um medo maior, que é o medo de si mesmo. Esta faceta também é encontrada no discurso dos adolescentes, que afirmam ter medo de “morrer sem estar pura para ver Cristo”, “de ficar longe da presença de deus”, “de fazer coisas erradas e perder deus na minha vida”.

Sedimenta-se culturalmente a ideologia do medo no universo dos adolescentes, que é constituída pela necessidade de distanciar-se do pecado e do demônio e pela postura vigilante sobre si mesmo. Não se teme tanto a morte do corpo quanto a morte da alma – daí a necessidade de afastar-se do demônio e de seus agentes, para que a alma não seja corrompida.

A ideologia do medo cria um ciclo perverso, instaurando novos objetos do medo – associados aos antigos -, ampliando seu raio de ação e sedimentando a lógica subserviente. Um conjunto de novos objetos do medo, que podem ser incluídos os medos irracionais, aparecem no discurso dos adolescentes, que afirmam ter medo de “coisas sobrenaturais”, “espíritos”, “sombras”, “assombração”, “monstros”, “lobisomem”. O medo imaginário é a variante mais complexa do medo, considerado “torturante”, posto que o objeto não constitui causa de um medo orgânico mas, por uma cadeia de associações distorcidas, convertendo-se em um estímulo fóbigeno poderoso. Sendo injustificado e incompreensível, o medo se torna complexo e forte, e

difícil de ser trabalhado “não só para os que o analisam com frieza lógica, como para os que sofrem intimamente seus efeitos” (MIRA Y LOPEZ, 2012, p.37).

Historicamente, a igreja católica passou a apontar a encarnação desse mal, identificando os seus agentes:

os turcos, os judeus, os heréticos, as mulheres (especialmente as feiticeiras). Partiram à procura do Anticristo, anunciaram o Juízo Final, prova certamente terrível, mas que seria ao mesmo tempo o fim do mal sobre a terra. Uma ameaça global de morte viu-se assim segmentada em medos seguramente temíveis, mas ‘nomeados’ e explicados, porque refletidos e aclarados pelos homens de Igreja. Essa enunciação designava perigos e adversários contra os quais o combate era, se não fácil, ao menos possível, com a ajuda da graça de Deus (DELUMEAU, 1989, p.32).

Na atualidade ainda convivemos com esta herança. A gênese de uma nova compreensão de medo, associada ao demônio e ao pecado, identificando os agentes do mal com turcos, judeus, heréticos e mulheres, instaurou as bases da ideologia do medo. O medo do outro, culturalmente construído, traz na raiz a apreensão causada pelo que não se conhece, pelo que é diferente de nós, pelo que não vive da mesma maneira. Este medo se dirige àqueles que falam outra língua, que “têm costumes, comportamentos, práticas culturais que diferem das nossas, não se vestem como nós, não comem como nós, têm religião, cerimônias e ritos cujo significado nos escapa”, diz Delumeau (2007, p.46). Daí ser comum entre os adolescentes o discurso de que eles têm medo “de pessoas de religiões de macumba”, “tenho medo de gente que não conheço”, “sinto medo de engordar mais e ficar diferente das outras pessoas”, “morro de medo de anão”, “tenho medo de mendigos”.

O medo do outro “está na origem do racismo de todos os tempos”, afirma ainda Delumeau (DELUMEAU, 2007, p.46) e é produzido socialmente, alastrando a cultura da intolerância e da não aceitação do que é diferente de si. Neste caso, o medo se apresenta como um esforço para universalizar e naturalizar pensamentos discriminatórios através de motivos aparentemente racionais e objetivos, atitudes sociais favoráveis aos interesses muitas vezes inconfessáveis de determinados grupos sociais. Transformado em ideologia, o medo do outro se caracteriza, de fato, pelo empenho de justificação de práticas discriminatórias.

“Medo e obediência – que sempre andam juntos – em nome do interesse constroem a tirania”, diz Novaes (2007, p.15) e, utilizados como instrumento político,

cada um eles é capaz de produzir consequências no sentido de “diminuir a capacidade de autonomia do sujeito, de reduzir os homens à desnaturação; se o homem é um ser-para-a-liberdade, quando dominado politicamente pelo medo ele perde sua natureza humana, muda de natureza, caindo no estado de decadência e alienação” (NOVAES, 2007, p.15).

Por ser uma construção mental ligada à vida cultural de quem a produz, no medo derivado está presente uma consciência imposta pelo meio em que o sujeito vive, o que não significa apenas que tal consciência é produzida pela relação social que se estabelece entre homem-sociedade, mas que ela mesma é uma relação social. Nas palavras de Gonsalves e Souza (2015, p.96): “Se as condições culturais, sociais e econômicas da atualidade são antívidas, cabe instaurar uma nova configuração social, não com a ajuda de uma nova ideologia, mas sim com o restabelecimento, em cada instante, de movimentos que sejam nutritivos para a vida”.

Neste sentido, em síntese, a vivência do medo/obediência, ao atentar contra a autonomia do sujeito, instaura um processo perverso de aprisionamento de mentes.

Considerações finais

A proposição de Aristóteles que associa emoções a julgamentos permanece viva na literatura moderna. Estudiosos da contemporaneidade afirmam que o desencadeamento de uma emoção se dá mediante um evento que a estimula, mediante um processo avaliativo mental, reafirmando o pensamento clássico de que as emoções sustentam as decisões. Assim, o indivíduo decide, a partir do seu repertório emocional, de forma consciente ou não, uma emoção que se configure como a melhor e mais adequada resposta ao estímulo, dentro das suas necessidades e possibilidades.

Os modernos investigadores corroboram de modo geral o ponto de vista de Aristóteles. Há atualmente uma grande compreensão dos processos fisiológicos do corpo, no que tange às emoções: dilatação de veias e artérias, aumento e diminuição da pressão sanguínea, alteração do batimento cardíaco, hormônios em produção, contração de músculos, expressões faciais, alteração da voz, e todo tipo de sutileza que o corpo revela. O entendimento da morte como uma fonte fundamental do medo e de sua condição irremediável (ou seja, não há cura para morte, portanto o medo da morte é algo intrínseco da condição humana) foi aqui analisado e considerado inato e universal, configurando-se como medo primário próprio do ser humano.

No entanto, o medo irracional tende a predominar. A ideologia do medo, incorporada ao imaginário, tende a se materializar no cotidiano através de experiências de medo e obediência, especialmente relacionadas com aspectos de religiosidade. É necessário empreender novos estudos para verificar até que ponto estas experiências indicam de fato uma fragilização na condição cidadã do indivíduo. Esta é uma questão relevante posto que, em Aristóteles, as emoções são descritas junto com suas faculdades (ou seja, a capacidade da natureza humana em senti-las) e suas atitudes (isto é, a história de vida do indivíduo frente à emoção). Neste sentido, se podemos descrever fartamente a emoção do medo como uma faculdade, resta aprofundar estudos que a relacione com a atitude de empoderamento ou o seu contrário, à obediência diante de opressões.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar, 2008.
- BISQUERRA, Rafael. **Educación emocional y bienestar**. Barcelona, Espanha: Praxis, 2000.
- CHANTRAINE, Pierre. **Dictionnaire Étymologique de la langue grecque**. Paris, França: Klincksieck, 1968.
- CRESWELL, John W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa**. Porto Alegre, Brasil: Penso, 2014.
- DELUMEAU, Jean. Medos de ontem e de hoje. En Novaes, A. (Org.). **Ensaio sobre o Medo** (pp. 39-52). São Paulo, Brasil: Senac, 2007.
- ERNOUT, Alfred. y MEILLET, Alfred. **Dictionnaire Étymologique de la langue latine**. Paris: Klincksieck, 2001.
- FIGUEIREDO, Candido. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa, Portugal: Clássica, 1913.
- GONSALVES, Elisa Pereira; SOUZA, Andressa Raquel. Educação, vivência emocional e processo libertador. **Impulso**, Piracicaba, Universidade Metodista de Piracicaba, 25(63), 87-100. 2015.
- MIRA Y LOPEZ, Emilio. **Quatro Gigantes da Alma: o medo, a ira, o amor, o dever**. Rio de Janeiro, Brasil: José Olympio, 2012.
- NAVAS, Jose Miguel Mestrey; BOZAL, Rocío Guil. **La Regulación de las Emociones: una vía a la adaptación personal y social**. Madrid, Espanha: Piramide, 2012.
- NOVAES, Adauto. Políticas do medo. In Novaes, Adauto. (Org.). **Ensaio sobre o Medo**. (pp. 9-16). São Paulo, Brasil: Senac, 2007.

PERSEUS. Disponível em <http://www.perseus.tufts.edu/>. Acesso em 04 abril 2018.

STAKE, Robert. **Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre, Brasil: Penso, 2011.

WARDE, Miriam Jorge. **Liberalismo e Educação**. (Thesis de Magister). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1984.

WOLFF, Francis. Devemos temer a morte?. In NOVAES, Adauto. (Org.). **Ensaio sobre o Medo**. (pp. 17-38). São Paulo, Brasil: Senac, 2007.

Sobre os Autores

Elisa Pereira Gonsalves

Departamento de Habilitações Pedagógicas, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, Núcleo de Educação Emocional, Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4597-504X>

E-mail: elisa.gonsalves@gmail.com

Fabricio Possebon

Departamento de Ciências das Religiões, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba. Núcleo de educação emocional, Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9418-8224>

E-mail: fabriciopossebon@gmail.com

Notas

ⁱ As referências a Aristóteles serão sempre feitas mencionando o parágrafo do original grego, entre parênteses, como normalmente se faz com as obras clássicas filosóficas.

ⁱⁱ *phóbos*.

ⁱⁱⁱ *phóbos*.

^{iv} Damos na sequência, em notas, os termos gregos originais. Não é possível, para as palavras usadas por Aristóteles, escolhermos sempre um único significado, daí entre parenteses apresentarmos outras possibilidades de tradução.

^v Respectivamente em grego: *epithymías*, *orgé*, *phóbos*, *thársos*, *phthónos*, *khará*, *philía*, *mîsos*, *póthos*, *zêlos*, *eleós*.

^{vi} *psykhé*.

^{vii} *dynámeis*.

^{viii} *hékseis*.

^{ix} *orgizómetha mèn kai phoboúmetha aproairétos*.

^x *katà mèn tà páthe kineísthai legómetha*.

^{xi} *diakeísthai*.

^{xii} *hólos hoîs hépetai he donè è lýpe*.

^{xiii} *ésti dè tà páthe dí' hósá metabállontes diaphérousi pròs tàs kríseis hoîs hépetai lýpe kai hedoné, hoîon orgè éleos phóbos kai hósá álla toiaûta kai tà toutois enantía*.

^{xiv} “páthos”: ce qui arrive à quelqu’un ou à quelque chose, expérience subie, malheur, émotion de l’âme, accident au sens philosophique du terme. “páskho”: recevoir une impression ou une sensation, subir un traitement (bon ou mauvais), endurer, être châtié (tradução nossa).

^{xv} Marco Túlio Cícero (106-43 a.C).

^{xvi} Num reliquae quoque perturbationes animi, formidines libidines iracundiae? haec enim fere sunt eiusmodi, quae Graeci “páthe” appellant; ego poteram “morbos”, et id verbum esset e verbo, sed in consuetudinem nostram non caderet, nam misereri, invidere, gestire, laetari, haec omnia morbos Graeci appellant, motus animi rationi non obtemperantis, nos autem hos eosdem motus concitati animi recte, ut opinor, perturbationes dixerimus, morbos autem non satis usitate, nisi quid aliud tibi videtur.

^{xvii} Movimento do ânimo (*motus animi*) não é movimento da alma (*motus animae*).

^{xviii} Etimologicamente, recordamos o latim: *movere animos* (mover os ânimos, excitar, emocionar, comover, mudar, afetar, perturbar); *commovere* (mesmos significados, reforçados pelo “com”, que tem valor aumentativo, sobretudo no sentido moral); *emovere*, *exmovere* (afastar, caçar de, expulsar), daqui o substantivo *el motus*, movimento para fora, emoção (Ernout y Meillet, 2001, p. 416 e 417).

^{xix} Respectivamente em grego: *orgé*, *praótes*, *phília*, *ékhthra*, *phóbos*, *thársos*, *aiskhýne*, *anaiskhyntía*, *kháris*, *akharistía*, *eleós*, *némesis*, *phthónos*, *zêlos*.

^{xx} *ésto dè ho phóbos lýpe tis è tapakhè ek phantasías méllontos kakoû phthartikoû è luperoû.*

^{xxi} *allà deî tina elpída hypeînai soterías, perì hoû agoniôsin.*

^{xxii} *phoberá estin hósá eph’ hetéron gignómena è méllonta eleeiná estin.*

Recebido em: 20/03/2019

Aceito para publicação em: 12/04/2019